

EDUCAÇÃO PRIMÁRIA



M. E. C. — I. N. E. P.

CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

DISTRIBU

O trabalho criador na

Escola Primária

Por

Bery Ash e Barbara Rapaport

Condensado por Consuelo Pinheiro

L. P. 2

Jan 2

C. B. P. E.

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS

O TRABALHO CRIADOR NA ESCOLA PRIMÁRIA

(Por Beryl Ash e Bárbara Rapaport)

(Condensado por Consuelo Pinheiro)

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DE EXCEPCIONAIS

O TRABALHO CRIADOR NA ESCOLA PRIMÁRIA

Por Beryl Ash
e Barbara Rapaport

Índice dos assuntos

- Cap. I - Características da Idade Escolar (dos 7 aos 12 anos)
" II - Condições de vida e de trabalho na Escola Primária
" III - Linguagem
" IV - Tecidos
" V - Desenho e Pintura
" VI - Modelagem
" VII - Movimento
" VIII - Música
" IX - Organização do trabalho escolar baseado no interesse da criança
" X - Que é trabalho criador

Introdução

"Aprendi sem a pressão dolorosa da obrigação, somente pelo desejo de expressar o que estava em minha mente"

(Palavras de Sto. Agostinho)

Este livro trata da criança em idade escolar e seus meios de expressão, não apenas de sua inteligência mas de seu corpo, suas emoções, de toda sua personalidade, enfim.

Foi sempre cogitação de filósofos e educadores a influência do trabalho criador na educação da criança. Hoje, pelo menos nos jardins de infância, já se incluem trabalho individual e atividades criadoras. Também no ensino secundário, nas escolas modernas, já se fazem atividades similares. A escola primária, porém, tem-se conservado alheia ao movimento: o trabalho individual, as atividades criadoras de livre escolha ainda não acharam lugar em seus programas e são consideradas um simples jogo, um brinquedo. Talvez se explique essa resistência pela pressão de família que quer resultados práticos: ler, escrever e contar; talvez os próprios mestres tenham tomado a mesma posição por não se lembrarem que há muitos modos de aprender e que a criança aprende mais e melhor quando os métodos estão de acordo com seu desenvolvimento e ligados a seus interesses.

I - Características da idade escolar

O autor, antes de tratar do assunto de modo geral, dá nove retratos de crianças de seu direto e íntimo conhecimento e dessa análise tira as seguintes conclusões:

1. Características físicas - Sempre em movimento; não andam, correm, pulam ou escorregam; à mesa nunca estão quietos, mexem-se na cadeira ou nos objetos; quando vão de bicicleta, vivem fazendo acrobacias. Seu amor de aventuras e sua alegria em realizar proezas levam-nas a tentar façanhas. Mas, se as observarmos bem, nunca tentam fazer o que está além de suas forças.

2. Características intelectuais - Se muitas "têm sede de aprender", "gostam tanto de trabalhar", esse conceito não se aplica à generalidade. O mestre deve estar sempre lembrado de como variam as capacidades de qualquer grupo nessa idade. Entre os 7 e os 11 anos, ao irem aumentando sua capacidade de falar, estão sempre a perguntar "como? onde? por quê? o que?" Mas, dentre essa grande variedade de interesses há as preferências. Colecionar, por exemplo, é uma característica dessa idade. Colecionam tudo, até palavras, sem preocupação do assunto. E, se observarmos esse seu brinquedo espontâneo veremos quanto tempo levam concentrados realizando, dando atenção a detalhes; e, por aí se vê, como é importante o jogo em sua vida. Se as observarmos como grupo, veremos como são diferentes intelectualmente: há as que aprendem depressa e as que são lentas, as que têm muitos interesses e as que, aparentemente, não os têm; as que os têm intensos mas, por curtos períodos e as que lhes dedicam atenção por longo tempo; as apressadas que querem terminar ligeiro e as que planejam para tempo mais distante. Mas, apesar dessas variantes, é comum a todas elas: curiosidade, gosto de aprender, amor de aventuras, interesses crescentes, gosto de colecionar e de fazer cousas.

3. Características emocionais - Dos 7 aos 11 anos, o que logo se destaca é o crescente sentimento de independência, aumento de estabilidade emocional e de responsabilidade. Nem sempre pais e mestres têm meios combinados de tratá-las: - super-proteção ou quase abandono. Embora capazes de independência e de responsabilidade, sua necessidade de segurança exige certas rotinas; e quanto mais seguras se sentem em seu lar, mais capazes serão quando se aventurarem fora de casa. Nem sempre pedem ao adulto o mesmo e ao mesmo tempo: umas querem ajuda, outras - ajudar; mas todas acham que o mestre é responsável por sua aprendizagem. Também é a idade em que procuram fazer amizades com outras crianças de seu próprio sexo e daí a necessidade da formação de bandos ou clubes, de acordo com a zona em que vivem. Aos 7, ainda têm dificuldade de distinguir entre o fato e a fantasia, mas aos 11 já chegaram ao estágio do realismo, ainda que primitivo; e por que vão crescendo em independência, vão sendo capazes de trabalhar sozinhas com pequena ajuda; tornando-se mais estáveis já podem controlar melhor suas emoções, gozar de sua capacidade

criadora: toscos como forem os resultados da criação pois está no comêço da percepção estética.

II - Condições de vida e de trabalho na Escola Primária

1. Condições humanas - As condições mais importantes para a vida e o trabalho na Escola Primária, são, naturalmente, as humanas e essas dependem da personalidade do professor. Poderíamos dar uma lista das qualidades que o mestre deve possuir; mas, qualidades isoladas não fazem a pessoa e é essa que interessa.

Respeito pela personalidade sua como também pela dos outros é o único e essencial dom que o mestre deve ter; pois somente enquanto mostrar amor genuino pelos outros e preocupação pelo seu bem-estar terá atitude equilibrada que o tornará capaz de ser sempre o mestre, quer ensine aritmética ou dança. Naturalmente que suas outras qualidades, seus recursos e energias, sua capacidade de organização, tornarão seu trabalho mais fácil e compensador.

A atitude do mestre na classe e dos outros adultos da escola é que são largamente responsáveis pela qualidade do trabalho da criança. Não há receitas para êsse proceder; mas o mestre que cuida realmente de seus alunos e de seu desenvolvimento integral, êste, seja qual fôr o programa, interpreta-o de tal modo que a criança partilha das mesmas responsabilidades para o trabalho que se faz; pois, se compreende bem as crianças saberá apresentá-lo de modo a provocar-lhes o interêsse. Essa influência não se mede a metros mas se reflete nas atitudes dos alunos. Boas maneiras e cortezia são aprendidas pelo exemplo e a criança em idade escolar a elas é muito sensível. Daí a importância do exemplo do mestre ao mandar ou pedir, ao criticar ou repreender, ao tratar os livros e o material. Mas, o que é mais importante ainda, é a consideração que o mestre dispensa ^{ao aluno} ~~para~~ seus interêsses e a preocupação da parte que lhes concede na discussão. São pequenos pontos mas são os fatores intrínsecos que dão o tom à disciplina da classe, oferecendo as melhores condições para a sua aprendizagem.

Essa sensibilidade fundamental, se é genuína, se estende às outras pessoas do círculo de família da criança, de modo a não haver conflitos entre o lar e a escola. Os pais têm atitudes bem diversas para com a escola, e devem ser tratados como iguais e não como indivíduos apenas toleráveis ou adultos irresponsáveis que precisam de orientação. Qualquer que seja a opinião que o mestre forme dêles, sua atitude para com os mesmos deve ser amistosa, hospitaleira de modo a criar relações compreensíveis que se refletem no bem-estar da criança que só terá a lucrar dessa atmosfera de cordialidade, embora não haja concordância sôbre detalhes do ensino.

São, pois, o sentimento de segurança que a criança tem na classe, sua capacidade de aceitar os padrões de conduta que o mestre tem como rasoáveis: o que aí é aceitável ou fora de propósito, os fatores que influenciando no comportamento consistente da criança e, mais que tudo, responsáveis pelo desenvol-

vimento integral de sua personalidade.

2. Condições materiais - Temos, não há dúvida, a concepção do que devem ser as condições materiais da escola e entristece-nos trabalhar em velhos prédios acanhados, verdadeiras prisões em seu aspecto externo, mas que podem ter em suas classes as cores alegres da pintura e dos trabalhos infantis, o calor humano que o mestre dá à atmosfera da classe. Não é, pois, a beleza material do edifício, seus jardins, suas árvores, que fazem a vida íntima da escola. O bom mestre sabe usar do espaço que lhe é dado ter em sua sala de aula; arranjar meios de apresentar beleza de alguma forma em ambiente alegre e colorido; tempo e lugar para o trabalho, mormente se seus alunos vêm de meio pobre. Não é ele o responsável pela limpeza da classe, nem deverá limpá-la, mas deve levar os alunos a mantê-la limpa e arrumada, removendo a desordem deixada pelo trabalho. A cesta para papéis deve estar em lugar acessível e haver um pano de limpeza e vassoura para serem usados em momento oportuno. É treino social muito pobre deixar a criança sujar o chão e não limpá-lo sob o pretexto de que o servente limpará depois. Muitas vezes se vê na sala de aulas trabalhos colocados há tempos nas paredes e aí esquecidos. O mestre deve ter o cuidado de estar renovando sempre esse material. Quanto a gráficos ou diagramas, devem ser apresentados de modo compreensível. Fotografias ou notícias de jornais devem estar em fichas manuseáveis pela criança em sua mesa, quando necessárias e em lugar acessível. Mas quando fôr necessário que todas as vejam, devem estar em lugar bem à mostra e removidas assim que preencherem o propósito. Muito cuidado também o mestre deve ter com o que escreve e com a letra que usa.

Também a arrumação do mobiliário é muito importante. Pelo fato de querer quebrar a rotina das antigas filas militares de carteiras, o mestre não deve dispor o mobiliário a esmo. Se há muito trabalho no quadro negro, então, dos bancos ele deve ser visto; se há muito movimento na classe, espaço livre deve ser deixado e, assim por diante.

A guarda do material, dos livros da biblioteca, dos trabalhos terminados, devem também merecer seu cuidado e a criança deve ser interessada nessa arrumação e ser fácil de encontrar o material procurado, por se achar sempre nos lugares apropriados. Essa rotina dá às crianças sentimento de ordem e segurança.

É importante para o papel que o mestre representa, estimular nas crianças o gosto pela harmonia e pelas belas coisas: flôres ou plantas na "mesa da natureza", o prazer de ter a classe sempre arrumada, enfim, o ambiente apropriado a promover o poder de criação. Nem sempre também o mestre usa as riquezas de sua vizinhança. Como seria fácil arranjar aparas de madeira na carpintaria, retalhos, contas e botões velhos no armarinho e assim por diante.

III - Linguagem

1. Falar - A poesia, tanto quanto a prosa, deve ser desenvolvida na escola, pois em ambas há o mesmo objetivo: promover amplas experiências em linguagem, pela leitura, audição e composição a fim de se obterem melhores meios de comunicação e de expressão.

A criança de jardim tem o desenho, na pintura, na música, na areia e no barro, vários meios de expressão; mas na escola primária sua energia criadora tão abundante é ignorada ou reprimida. Quais são as oportunidades que lhes são dadas para usar a palavra como meio de expressão? Quando tem oportunidade de discutir, planejar e conversar? Ouvirem-se uns aos outros?

As crianças têm capacidade de enfrentar e manejar situações e tomar responsabilidades muito mais do que lhes são dadas. É dever do mestre arranjar essas oportunidades.

Eis algumas sugestões:

- O arranjo, a escolha, a catalogação dos livros da biblioteca,
- O escolher e colecionar poesias,
- A dramatização que se inspira na história ou poema e muitos outros. Será de bom conselho distribuí-los em grupos (se estão entre os 8 e 10 anos de idade) para essas tarefas:

- a) grupo encarregado da organização da antologia das poesias lidas, ouvidas ou compostas por elas mesmas;
- b) grupo para lê-las ou recitá-las de cor;
- c) grupo para dramatizá-las.

Esses grupos podem variar em seus componentes que não serão sempre os mesmos.

Outras vezes o mestre deve propor discussões para melhorar certos aspectos do ensino: ortografia, caligrafia e organizar para esse fim, períodos de treino, de prática.

A capacidade de falar, natural, fácil e claramente é, talvez, a qualidade que mais admiramos. Mas, poucos adultos serão capazes disso.

2. Compor -

a) Prosa: O trabalho escrito não é, falando de modo geral, a forma mais natural da expressão; de sorte que se quisermos que a criança escreva livremente, devemos dar-lhe oportunidades, primeiro, de falar livremente, pois que o trabalho escrito não é mais que mera extensão do falar. Devem ter também algo a respeito de que queiram escrever. As idades da criança expressam-se através do movimento, da arte e do trabalho, ou da linguagem e fluirão somente se tiverem ricas experiências a exprimir.

Se tomarem parte em discussões, se ouvirem ou lerem muitos trechos de bela prosa ou poesia, se visitarem parques, jardins e museus como atividades regulares da classe, então, o trabalho criador será fluente porque terão bom resíduo de experiências de onde tirar idéias.

A literatura que as crianças lêem para si ou para a classe dá-lhes sugestões e estímulos. Para o que terão de ler não há necessidade de escolha exigente - os livrinhos da biblioteca são todos muito bons; mas as poesias já devem sofrer melhor seleção porque serão os modelos para sua imaginação, além do contentamento e fonte de informação sobre a vida.

Os professores, em geral, dão muita atenção a erros de técnica o que é deprimente para muitas crianças e o que raramente as ensina a evitá-los nas outras vêzes.

Eis alguns conselhos para grandes classes:

- a - dar lições para pequenos grupos sobre: o uso do parágrafo, tomando histórias conhecidas e discutindo cada parágrafo; o uso da vírgula, anotando seu emprego de trechos do livro de leitura;
- b - indagar de cada criança em que deseja melhorar seu trabalho escrito, arranjando de acôrdo, exercícios graduados;
- c - encorajar a criança a ler seu trabalho para seus vizinhos e levar em conta o critério feito;
- d - dedicar período semanal para exercícios corretivos de pontos fracos em gramática, ortografia e caligrafia.

A ortografia, como a tabuada, melhora pelo exercício. Portanto, auxiliar a criança a corrigir seus erros, preferencialmente, fazendo-a copiar a palavra certa, com sua definição ou empregando-a numa frase. Listas de palavras para aprender deve ser o conteúdo desses exercícios que serão seguidos de verificação.

b) Dramatização: Repetir palavras que outros escreveram - representar - deve ter lugar na classe, mas não é o que se chama - trabalho dramático ou dramatização.

Dramatização é um dos meios mais evidentes para demonstrar como o trabalho criador ajuda o desenvolvimento integral da criança, para umas é realizar-se plenamente, para outras é suprir o que a vida não lhes deu. É sobretudo, atividade essencialmente social, desde a discussão para escolha do assunto, à distribuição dos personagens, escolha e confecção do vestuário à própria representação.

c) Fazer versos: Como atividade criadora o fazer versos desenvolve muito a criança. Não se preocupa ela com as formas convencionais de ritmo ou rima; algumas, por terem

ouvido já poesias lhes sentirão a falta, mas, outras, não.

Discutindo a respeito numa classe, concluíram que poesia é: usar palavras bonitas, fazer sentir nos que ouvem como se vissem uma pintura, sentir o que o autor queria que sentisse.

E assim, se têm as crianças de uma classe muitas experiências a contar, gostarão de traduzi-las em palavras - prosa ou verso, não importa; o que importa é o forte desejo de passar o que sentem para os outros.

V - Tecidos

Os trabalhos manuais ou artes aplicadas podem ser valiosos meios de educação, em qualquer estágio da vida infantil - desde o momento em que os manuseia até quando escolhe um determinado que vem exprimir idéia original. Os trabalhos manuais sôbre que falamos não são aquêles que ocupam apenas as mãos da criança mas não sua mente; ou o que manda a criança bordar o mesmo feitio. Não, hoje, na aula de trabalhos manuais, cada criança escolhe o que quer fazer - pintura, barro, madeira ou pano; o que melhor permita a expressão de sua idéia; o que traduz mais viva a sua imaginação; fazer o que deseja e não reproduzir o que outras fizeram. O mestre deve levá-la a usar o material e os instrumentos quando disso necessitar, mas sôbre tudo, encorajá-la a observar, olhar, sentir e realizar em meio de alegria.

Nos jardins de infância já a criança encontrou-se com a pintura, o papel, o barro, o pano e madeira; e, de certo modo, descobriu alguma propriedade inerente a êsses materiais. Na Escola Primária já terá que lidar com alguns dos "crafts".

Algumas espécies de trabalhos são puramente criadoras e de imaginação - modelar com barro, por exemplo, em que a limitação é dada pelo próprio material. Mas para com o tecer, outros problemas se apresentam. Aliás, a tecelagem também é usada nos jardins de infância; mas o tecer, lidar com os fusos já é tarefa da idade escolar. A criança gosta muito dessa atividade, mormente quando inventou o seu próprio tear; e, ao tecer, há muita ocasião de empregar a imaginação: a escolha de cores, mudanças de pontos, etc. Fiando, tecendo, usando o tecido feito, traz-lhe grande satisfação. Muitas vêzes, aos 7 anos, compõem primeiro pela pintura o desenho do que vão tecer. Mas o tecer ou o coser que tem valor não é aquêles em que a criança aprende pontos em pedacinhos de pano para depois aplicá-los em outras ocasiões. Nessa idade a criança se interessa fazendo, experimentando, inventando, colecionando coisas. Ao mestre cabe dar a atmosfera necessária para que a criança conheça a existência desses trabalhos e queira aprendê-los: meninos e meninas. Mas, para que haja oportunidades de trabalho criador há necessidade também de organização: material, espaço, equipamento e tempo têm que ser considerados. Planejamento cuidadoso do mestre e alunos é necessário para superarem-se dificuldades, para que cada criança possa obter o maior benefí-

ouvido já poesias lhes sentirão a falta, mas, outras, não.

Discutindo a respeito numa classe, concluíram que poesia é: usar palavras bonitas, fazer sentir nos que ouvem como se vissem uma pintura, sentir o que o autor queria que sentisse.

E assim, se têm as crianças de uma classe muitas experiências a contar, gostarão de traduzi-las em palavras - prosa ou verso, não importa; o que importa é o forte desejo de passar o que sentem para os outros.

V - Tecidos

Os trabalhos manuais ou artes aplicadas podem ser valiosos meios de educação, em qualquer estágio da vida infantil - desde o momento em que os manuseia até quando escolhe um determinado que vem exprimir idéia original. Os trabalhos manuais sobre que falamos não são aqueles que ocupam apenas as mãos da criança mas não sua mente; ou o que manda a criança bordar o mesmo feitio. Não, hoje, na aula de trabalhos manuais, cada criança escolhe o que quer fazer - pintura, barro, madeira ou pano; o que melhor permita a expressão de sua idéia; o que traduz mais viva a sua imaginação; fazer o que deseja e não reproduzir o que outras fizeram. O mestre deve levá-la a usar o material e os instrumentos quando disso necessitar, mas sobre tudo, encorajá-la a observar, olhar, sentir e realizar em meio de alegria.

Nos jardins de infância já a criança encontrou-se com a pintura, o papel, o barro, o pano e madeira; e, de certo modo, descobriu alguma propriedade inerente a êsses materiais. Na Escola Primária já terá que lidar com alguns dos "crafts".

Algumas espécies de trabalhos são puramente criadoras e de imaginação - modelar com barro, por exemplo, em que a limitação é dada pelo próprio material. Mas para com o tecer, outros problemas se apresentam. Aliás, a tecelagem também é usada nos jardins de infância; mas o tecer, lidar com os fusos já é tarefa da idade escolar. A criança gosta muito dessa atividade, mormente quando inventou o seu próprio tear; e, ao tecer, há muita ocasião de empregar a imaginação: a escolha de cores, mudanças de pontos, etc. Fiando, tecendo, usando o tecido feito, traz-lhe grande satisfação. Muitas vezes, aos 7 anos, compõem primeiro pela pintura o desenho do que vão tecer. Mas o tecer ou o coser que tem valor não é aquele em que a criança aprende pontos em pedacinhos de pano para depois aplicá-los em outras ocasiões. Nessa idade a criança se interessa fazendo, experimentando, inventando, colecionando coisas. Ao mestre cabe dar a atmosfera necessária para que a criança conheça a existência desses trabalhos e queira aprendê-los: meninos e meninas. Mas, para que haja oportunidades de trabalho criador há necessidade também de organização: material, espaço, equipamento e tempo têm que ser considerados. Planejamento cuidadoso do mestre e alunos é necessário para superarem-se dificuldades, para que cada criança possa obter o maior benefí-

cio dêsse trabalho, que é: pensar, planejar, escolher, inventar e fazer, embora que sob a orientação do mestre.

1. Fiar - A criança em idade escolar ainda está bastante jovem para gozar o sentimento de tirar coisas diretamente da matéria prima. Fiar é um desses prazeres, mormente quando ela inventa o seu próprio fuso: um botão com um furo no meio por onde passa o pauzinho, uma rodela de batata, etc. Além disso, há o ritmo, sempre tão do agrado de crianças dessa idade. É fácil ainda - pois que nada mais é que torcer fibras para fazer um fio e a criança logo descobre o princípio do fuso.

2. Tecer - Pode o interêsse ser despertado examinando-se como são tecidos vários tipos de fazenda. Muita criança pode já saber serzir e talvez lembre a semelhança dos processos; ou o interêsse de uma criança que tenha visto na seção de terapia ocupacional de um hospital um doente tecendo, por exemplo, e chega entusiasmada na classe querendo tecer também. Isso levou a classe à discussão e outros quiseram tecer também. Da procura de meios para fazer os teares (a classe tinha muitos badulaques) nasceu imediatamente o interêsse pela tecelagem. Foi aí também ocasião para o mestre de notar as diferenças individuais, ao construírem o equipamento necessário. Os mais variados tipos de grades surgiram. O interêsse durou todo o resto do ano letivo e muito trabalho apreciável pela combinação de cores, tipos de desenho, etc. surgiu. Organizaram também uma coletânea com figuras de teares antigos. Daí passaram a outros tipos de tecido como o de ninho de passaros, maneira de fazer cêrcas. Colecionaram toda espécie de fios: do capim sêco ao pelo de elefante. Usaram muitos desses materiais. O valor dêsse trabalho não esteve tanto no que chegaram a fazer, mas no modo por que trabalharam em comum, no pensar e planejar suas coleções e seus tecidos e outras atividades em que se empenharam.

3. Costura - Desde os primeiros tempos a costura foi ocupação muito útil para a mulher, mas os métodos de ensinar a coser mudaram. Para ambos os sexos tem cabimento a costura: o menino põe um remendo na bola que rasgou; a menina faz um novo vestido para a boneca. A classe deve ter no seu equipamento retalhos de fazenda de todas as cores e qualidades para o trabalho da criança. Um bom princípio para levar a criança a costurar é fazer pintura com retalhos de pano. As vezes a criança já tem em mente o que quer fazer, outras vezes é o próprio retalho que sugere. Além de coleções de retalhos, linhas, fitas e galões, contas, aros, argolas e botões. Ao terem que prender os pedaços um no outro ou no pano de fundo, surge a necessidade de saber dar os pontos com a agulha. Dois aspectos nos trabalhos de agulha devem ser considerados: a confecção de um determinado artigo e sua decoração, bordando-o ou tingindo-o. Se é um vestido de boneca, surge a necessidade das medidas, de fazer previamente um molde; e o quanto podem aprender calculando o tamanho e outros detalhes? E mesmo para as roupas dos fantoches. Dos 7 anos em diante serão capazes de fazer para si próprios aven

tais, bonés, fantasias para as dramatizações. Aquêles que achavam não ter "jeito" para pintura, começavam a interessar-se por ela quando levados a observar flôres, por exemplo, para sua decoração.

4 - Imprimir e Tingir - Embora sejam atividades mais recomendáveis para crianças mais velhas, na Escola Primária já existem ocasiões para êsse trabalho. Fazer carimbos com batata e gravar na própria madeira já os interessa muito. Embora seja caro, será muito interessante para a criança imprimir uma echarpe para a mamãe, por exemplo. O carimbo de batata pode ser empregado em muitas ocasiões. E para ajudar a criança a descobrir os usos tradicionais dêsses materiais, damos-lhes um sentido de acabamento de muito valor. Daí começa a curiosidade pelo material e objetos que usam: de onde vieram, quem os fabricou, do interesse pelas côres e suas combinações vai surgindo o bom gosto e por ter de escolher entre tantas, aquelas mais adequadas ao fim em vista, a criança vai-se habituando a separar, a refletir, a selecionar e a pesar a conveniência das coisas.

V - Pintura

O desenho é a forma mais natural de expressão da criança. **Dê-lhes** um lápis e logo começará a fazer garatujas. Aos 5 anos já é capaz de fazer desenho de suas experiências, do que pensa a respeito das coisas e do que vê. Antes de ser capaz de expressar-se em palavras escritas já o faz no desenho. Hoje é atividade usada em tôda escola, seja na hora comum a tôda uma classe, seja parte do trabalho para alguns. Sobre êsse ponto muito se tem discutido. Embora se adote determinado tempo do horário para aula de pintura, tal como de música, não deve separar esta arte das outras matérias como por exemplo, geografia ou história, onde há inteiro cabimento para ilustrações.

As crianças em idade escolar precisam, às vêzes, de mais atenção do mestre, nesse período, pois já tendo espírito crítico mais desenvolvido, já começam a estimar seu próprio trabalho e, às vêzes, desanimam. A pintura da criança é o resultado de suas experiências anteriores; sua imaginação atual é constituída pelas imagens mentais que possuem. Se o mestre tem dons excepcionais de descrição verbal o contar com vivacidade uma história será ponto de partida e estímulo para a classe pintar. Mas a própria vida da criança normal é tão cheia de acontecimentos excitantes que **não há grandes** dificuldades para encontrar assuntos para seus desenhos e pinturas. Não há dúvida que cada uma deveria escolher seu próprio assunto, mas o mestre que os conhece a todos, sabe realizar quando deve encorajar a alguma a ser mais aventureosa. Além disso, há duas razões importantes para querermos que a própria criança seja quem deve escolher o assunto para seus desenhos: a primeira é que a imagem daquilo que já experimentou é mais viva e dará melhor pintura; a segunda é que querendo nós que ela viva o mais plenamente possível e use essas suas imagens anteriores transformando-as em coisas vivas, reais. Não se-

rá necessário dizer que algumas crianças precisarão mais de carinho do que outras; e discussão sobre papel, o tamanho e até o assunto e as cores vem ajudá-las, chamando-lhes atenção para a importância dos detalhes.

O material mais comum é a pintura de água que se faz com pó de várias cores e tons. Às vezes, pode ser dado já as cores feitas; outras vezes, a criança compõe seus próprios tons. Outros materiais como tinta a óleo, guache, lápis de cores de mais de uma substância deverão ser proporcionados. O tamanho do papel ficará à vontade de cada uma, mesmo porque certos assuntos exigem grande tamanhos, outros, não. E como nem todas as classes podem ter pincéis, cavaletes ou pranchetas para todos, é mais uma razão para ser individual o trabalho. Também o papel deve ser de variadas texturas e cortados em formatos diferentes. Os objetivos do ensino da pintura, são os mesmos que para as outras matérias do programa:

- 1) respeitar a capacidade individual da criança e assim ajudá-la a manter confiança em si própria;
- 2) encorajá-la a ser observadora e assim torná-la cada vez mais atenta e vigilante em todos os sentidos;
- 3) ajudá-la a registrar e reviver suas experiências e daí tirar satisfação emocional.

Realizaremos o primeiro objetivo se ajudarmos cada criança a decidir qual vai ser o assunto de sua pintura e quais serão os meios adequados para executá-la. No jardim, pela tentativa a criança escolhe e decide; mas na Escola primária, já é tempo da professora orientá-la que tal papel é bom para pastel e esse outro, por ser mais absorvente, é melhor para pintura d'água. O uso do lápis para o contorno e depois pintar com tinta não deve ser encorajado pela frustração que traz à criança, pois seu desenho a lápis é sempre em pequeno tamanho e ela não pode espalhar bem as tintas. Se uma criança demonstrar indecisão, sem coragem de iniciar a pintura, dê-lhe papel e carvão e deixe-a desenhar em grande escala. Outros sentem-se mais confiantes com papel de pequeno tamanho. Assim, o tamanho e qualidade do papel tem importância para o bom resultado. Mas isso tudo sem limitações e até encorajando-as a usar todos os processos. Muitas crianças preferem completar, por pequenas partes, seu desenho e assim deixar de tomar seu desenho como um todo. Mas será bom que ela aprenda a considerar o espaço ao redor das coisas que pinta tão importante como essas coisas. Às vezes é bom dar-lhe papel suplementar para experimentar a consistência ou o cambiante das tintas que vai usar. Por esse tempo ela começa a reparar como as coisas são e procura pintá-las tal qual, não mais como fazia - simbolicamente, isto é, como pensava que fôsem. Os primeiros bonecos são um círculo para a cabeça daí saindo pernas e braços e também nas suas primeiras paisagens o céu e um risco azul acima e a terra outro verde ou marron abaixo; no meio, as coisas que ela pinta. Isso é natural, aliás; mas é apenas um estágio tal como o boneco com as pernas saindo da

cabeça. Tôdas as crianças atravessam êstes estágios comecem elas a pintar aos 2 ou aos 3 anos. Nada adianta dizer-lhe como as coisas são. No jardim elas não estão prontas a pintar o que vêem. Mas na Escola Primária já se pode ajudá-las a olhar mais atentamente para as coisas tornando assim sua pintura mais vivida.

Deve-se ter na sala de aula coleções de flôres silvestres, penas, pedaços de casca de árvores, fôlhas, sementes, conchas e seixos. Pertencem, sem dúvida, ao museu de História Natural mas o mestre deve chamar a atenção das crianças para o formato d'esses objetos, para a graça de certas formas, a aspereza da casca de árvore, dos tons suaves das flôres, a maciez dos seixos e para as diferenças entre as conchas. A criança dessa idade não é insensível a essas belezas e deviamos proporcionar-lhes tôdas as oportunidades para observar a natureza: sentar-se sob uma árvore e ver o céu por entre suas fôlhas, os enfeites das penas do pardal e como as flôres se arrumam na haste. Isso os leva a atentar que as cousas têm tamanho, côr e forma. Quando ela sai do desenho esquemático do homem, é de bom conselho mandá-las observar as pessoas a seu redor e a ela própria como, por exemplo, a posição de suas pernas quando se senta sôbre as mesmas no chão; o colega que pousa para ela. Assim as ajudamos a concluir que há uma configuração em tôdas as cousas.

Pinturas feitas com pedaços de papel e de outros materiais embora muito interessantes, sobretudo para certas crianças, não devem tomar o lugar do desenho e da pintura mas devem ser empregados também porque dão alegria às crianças que acham difícil desenhar. E quanto mais variado seja o material: papel de côr, estampados ou crepon; retalhos de tóda sorte de pano, cordões, rolhas, pedaços de madeira, palha, tudo enfim que puderem colecionar - mais originais serão as composições feitas com êle.

Nenhuma criança deverá chegar às ultimas classes da escola primária sentindo-se incapaz de fazer uma pintura de qualquer forma. O mestre que trabalhou com elas deve propocionar a cada uma essa satisfação que a levará a querer fazer mais e melhor.

VI - MODELAGEM

Uma das características da criança em idade escolar é o amor de fazer cousas, a outra é colecionar e classificar o que coleciona. O programa escolar aliás, inclui muitas oportunidades para êsses trabalhos. Ajudá-los, então, para lhes dar uma oportunidade de usar o material colecionado segundo suas próprias idéias é ajudá-los a viver a vida intensamente. Em que consiste essa provisão da escala do interesse do mestre e da idade da criança? Quanto maior fôr sua variedade, tanto mais útil pode ser, para a descoberta de aptidões especiais.

Análise dêsse material.

1. Barro - Um dos materiais mais importantes a pôr a disposição das crianças é o barro. Venha do local ou de longe deve ser guardado de modo a conservar-se

em boas condições. O barro para modelar deve ser maleável, macio, nunca duro ou muito mole. Blocos grandes e não bolinhos devem ser dados para o trabalho, pois que um bolinho apenas, limita a criação. Estando em condições, poucos problemas apresenta à criança que fará com êle o que quiser e logo descobrirá seu poder sobre essa massa. Pode apertá-la, impor-lhe uma forma, imprimir-lhe o feitio de seus dedos e a massa guarda essas formas, mas será fácil desmanchá-las também. Bate, atira-a com força e ela não se danifica. Permite-lhe sucesso rápido e leva-a a novos esforços para que sua obra pareça com o que deseja. Aí, como em qualquer outro trabalho, a criança mostra diferentes meios de trabalhar: umas usam de imagens visuais, adicionando defeitos outras têm imagens "sinestéticas", sentem de dentro o que a cabeça é e já a fazem completa. M. Petrie disse: "O valor da modelagem da criança está na ação de modelar e não no resultado dessa ação que será raramente interessante." Esse também deve ser o sentimento do mestre: o prazer de manipular o barro, a capacidade de lhe dar facilmente a forma que quiser eis o que torna satisfatório o uso desse material.

Por outro lado, como poderemos levar a criança a melhorar o seu trabalho? Discutir com ela a respeito, fazê-la ver o seu produto, como um todo e de todos os lados, levando-a à descoberta de detalhes. Nunca é cedo para levar a criança a descobrir porque determinado material é apropriado a certos trabalhos e outros não.

Um dos trabalhos interessantes a fazer com o barro e muito do gosto da criança é o fabricar louça com êle. A princípio dando a forma com o dedo e depois com a roleta. A classe de História ou Geografia, o brincar de "fazer de conta" leva-la-á muito facilmente a essa atividade. Uma coleção de figuras de arte primitiva dos povos, enriquecerá ainda mais essa atividade. E se a criança puder completar o processo levando suas criações ao forno, aumentará de muito seu valor educacional.

2. Trabalho com sobras e rebotalhos - Todos esses rebotalhos e badulaques que se botam^m fora e que a escola pode recolher facilmente pode ser empregado com diferentes valores. Dois caminhos se oferece à criança: êle usa esse material repetindo a experiência primitiva ou os emprega usando de sua imaginação e produzindo coisas nunca vistas antes. A escola pode aproveitar tudo isso:

- caixas, de madeira ou de papelão
- carretéis de madeira ou papelão (do papel sanitário)
- papel de embrulho, de tôdas as qualidades e padrões e o cartão que separa ampolas de injeção, ovos, etc.
- pano, retalhos de tôdas as espécies, cores e material
- coisas naturais - palha, capim, galhos secos, fôlhas, etc.
- madeira, pedra, greda .

Já foi dito em capítulos anterior como utilizar esse material. Queremos ainda assinalar o valor enorme que esse material tem para certas crianças. Cedo ela descobre no meio daquilo tudo qual o material mais apropriado para o que tem em vista. Muitos problemas surgirão de como aproveitar determinada caixa para fazer uma casa

que serão resolvidos pela equipe ou com auxílio do mestre; quando completar o trabalho veremos que oportunidades tiveram: de considerar e selecionar o material para o fim em vista; meditar nos problemas e resolvê-los práticamente; aprender várias habilidades como cortar com canivete, costurar, armar as bonecas, fazer os vestidos; trabalhar em grupo; pedir opiniões e conselhos e ouvir críticas; esperar por sua vez para utilizar-se de determinada ferramenta; conversar com o mestre e, finalmente, concluir o trabalho empreendido: a casa de boneca que ainda poderá levá-las a outras idéias como escrever histórias ilustradas sobre a família que vai ali morar. O maior valor de um trabalho como êsse está na concentração, na determinação de levá-lo adiante, na persistência em vencer as dificuldades. Muitas vezes também quando a criança quer criar mas a imaginação não ajuda, as formas de um desses rebotalhos traz-lhes uma sugestão, ponto de partida para o trabalho criador.

Como nas outras atividades o papel do mestre é ajudar a criança a resolver os problemas que surgem e providenciar para que não falem ferramentas, cola ou pregos.

3. Bonecos e fantoches - É hoje um dos mais populares trabalhos e tem ilimitado valor. Há vários modos de fazê-los e até, vêm indicações em revistas infantis. Quando há uma boa coleção de rebotalhos êsses fantoches podem tomar os aspectos os mais originais e os mais engraçados e deve sempre haver ligação entre os assuntos de classe com as figuras que se fazem. As vezes é para reproduzir uma história de Trancoso conhecida; outras peças originais escritas pelas crianças.

4. Madeira - Poucas vezes a criança na Escola Primária pode gozar da alegria de trabalhar com madeira. É lamentável por que a madeira é um dos materiais que mais desafios apresenta à criança. Além da oportunidade para expressão de idéias por mais um meio, tem a criança oportunidade de empregar gentileza e força física; dá escape à agressão ao bater com o martelo nos pregos; destroi, pois que serra em pedaços, mas, para contruir. Não será um curso de carpintaria mas é bom que as crianças disponham das ferramentas necessárias e de banco de carpinteiro.

Dispor de tão variados e abundantes materiais dará a criança muitas oportunidades de trabalho criador sem que o mestre esteja a preocupar-se com idéias a sugerir.

VII - Movimento

Atividades físicas quer dando prazer por si próprias quer relacionadas com a dança, drama ou música tem prioridade na escola primária e bem merece um capítulo.

No capítulo I sob o sub-título - Características físicas - já foi dito muito sobre o prazer do movimento nessa idade. Sobre êsse assunto a Dra. Suzan Isaacs, a primeira educadora a observar cuidadosamente o comportamento da criança teve essa expressão: " Não é o movimento que precisa justificações mas sim ficar parado." Mas, só recentemente é que se começou a compreender como usar êsse

* * *

desejo natural da criança de estar sempre em movimento. Como por outro lado nunca podemos perder de vista as diferenças individuais, para que se possa aproveitar essa tendência com sucesso, precisamos conhecer que diferentes meios a criança tem de usar o corpo.

Para tornar mais claro o ponto em que queremos chegar, vamos observar seis crianças movendo-se em casa, na rua, e no brinquito:

1 - Subindo e descendo escadas:

- Jonas: (10.1/2) Seus movimentos variam de acordo com os sentidos: indo para a cama, vai lento; vai aos pulos quando ouve o correio.
- Rosalina: (8.1/2) Sobe correndo e desce aos pulos. Algumas vezes sentada ou arrastando-se de papo.
- Sandra: (8.1/2) Sobe de três em três degraus, encostando-se à parede; desce de três em três terminando num pulo final de quatro degraus.
- Sibila: (10a) Sobe e desce de dois em dois degraus.
- Pan: (7a) Varia de método e de velocidade. Às vezes sobe de um em um degrau; às vezes sentada, outras de quatro pés.
- Tony: (9a) Sobe e desce fazendo barulho com os pés. Algumas vezes desce pelo corrimão, de costas; outras de cabeça para baixo, arrastando-se pela barriga nos degraus e batendo com as pernas. Ocasionalmente, de quatro pés; de outras, pula dos quatro ou seis últimos degraus.

Nenhuma dessas crianças sobe ou desce andando naturalmente. Sempre na maior velocidade possível, a menos que haja razão para o vagar, como ir para a cama, à noite.

2 - Sentar:

- Rosalina - Senta-se direitinho, espigada, por curtos períodos à mesa ou quando escreve; quando lê prefere deitar-se ou enrodilhar-se no chão.
- Sandra - Senta-se em todos os lugares, na mesa, no chão, no encosto, menos no assento da cadeira.
- Sibila e Pan - Preferem o chão à cadeira; a primeira faz o trabalho escrito da escola no colo, a segunda no chão.
- Tony - Raramente senta-se quieto, a não ser quando está absorvido na leitura; à mesa move-se constantemente gingando, espichando e encolhendo as canelas.

Todas essas crianças movem-se mais do que permanecem sentadas e quando se sentam preferem fazê-lo dos meios os mais ortodoxos.

3 - Andando na rua:

- Jonas - Corre de preferência quando a distância é curta; distâncias maiores percorre, corre, cabriola; para ver um cachorro, sai aos pulos outra vez. Correr é sua maneira natural de cobrir distâncias.
- Rosalina - Raramente anda. Cabriola, pula, corre, pula para dentro dos regos, trepa em bancos, em montes de areia ou pedra, balanceia aos som de assovio.
- Sandra - Anda rapidamente com determinação e à frente de suas companheiras, impedindo-lhes um pouco a marcha; quando lhes fala anda de costas.

- Sibil - Corre com largos passos. Nunca pula sem uma corda.
Pan - Anda de costas, às vezes, saltita ou pula; não corre nunca.
Tony - Não mantém nunca a mesma andadura. Ao andar, balança os braços, batendo palmas com as mãos. Trepas nos bancos, andando por cima deles; salta sobre todos os obstáculos que encontra pelo caminho.

Nenhuma dessas crianças anda naturalmente indo de um lugar a outro; mas os seis mostram larga variedade de movimentos; só andam quando conversam com adultos ou, às vezes, companheiros. Quase todos: saltam, correm, pulam, escorregam e muitos são excelentes no andar de costas. As diferenças individuais se demonstram, no ritmo e na extensão do movimento. Mesmo no correr: um faz com rápidos e longos trancos, outros com passos alongados e lentos e assim por diante.

4 - Brincando ou jogando:

- Jonas - É bem dotado para os esportes, especialmente o futebol. Não tem medo de nada e tem o pé seguro, por isso é ótimo ciclista. Gasta horas brincando com ioiô, sem sentir a fadiga que se mostra na inatividade.
Rosalina - Gosta de pular na corda, anda de bicicleta e nada. Não gosta de jogar com bola.
Sandra - É competente nas paralelas e salto mortal. Gosta de jogos de competição, de saltos, corridas. Raramente está sem uma bola que joga incansavelmente contra a parede. É boa ciclista e gosta de nadar.
Sibila - Pode pular, mas não é ágil. É lenta e segura. Ela pode dar o salto mortal, rodando sobre um galho de árvore. Anda de bicicleta e é audaciosa. Gosta de brincar com bolas. Às vezes duas, do mesmo tamanho, ao mesmo tempo.
Pan - É temerária ao trapar em árvores ou andar de bicicleta. Gosta de jogos de bola, que faz à sua moda. É capaz de esforço prolongado, a ponto de adoecer, quando pratica um jogo em que quer vencer.
Tony - Gosta de bicicleta, de luta e de jogo de bola.

Também nos jogos demonstram preferências individuais, mas também há evidência de esforço persistente em aprendizagem e domínio do jogo. Mas como essas observações poderão ajudar-nos em nosso ensino?

1 - Aumentando nossa compreensão das necessidades que a criança tem de interpretar o movimento de sua maneira individual, de ter espírito aventureiro e criador no uso de seu próprio corpo e do material que lhes fornecemos.

2 - Enriquecendo, no máximo possível, sua experiência com o movimento pois quanto mais rica ela for, mais capazes serão de usar o espaço ao redor de si e de selecionar o melhor movimento.

A educação física sofreu extraordinária modificação nos últimos anos; deixou de ser aquele exercício enfadonho e passou a usar dos brinquedos e jogos, como também passou a aproveitar uma série de aparelhos tais como o trepa-trepa, o escorrega e outros.

Mas a maior contribuição nesse campo foi a de Rudolf Laban com a sua teoria de basear os elementos de sua "dança moderna" no peso, no tempo, no espaço e no movimento ondeante.

Em seu livro "Modern Dance" (Macdonald and Evans Ltd., 1948) êle diz: "O treino da dança, desde seus primeiros estágios, preocupa-se principalmente com o ensinar a criança a viver, mover-se e expressar-se por meio daquilo que é mais importante no govêrno da vida que é o próprio fluxo de movimento da criança."

Para a criança nessa idade não há barreiras entre a dança, a música, movimento e o drama. É ainda R. Laban que diz: "Não é a perfeição artística da criação e da "performance" de danças sensacionais que se deseja, mas o benéfico efeito da atividade criadora da dança na personalidade do aluno". E, ainda: "O instrumento essencial que se dá ao educador na dança moderna é o golpe de vista universal sôbre os princípios do movimento humano. A inclinação inata da criança em executar movimentos semelhantes à dança é a forma inconsciente de introduzir o exercício no mundo do movimento e fortalecer sua capacidade espontânea de expressão."

Para acreditar nessa afirmação basta observar e aqui, relembrar as observações feitas com aquelas seis crianças. Tôdas elas demonstram que têm dentro de si todos os dons necessários e que só falta a oportunidade para dançar.

A música como movimento tem sido usada, mas não sob êsse ponto de vista. Até, mesmo, convidamos a criança a orrerr, a pular, etc., ao som da música; mas porque? Quantos seguem o que vai a frente? Quantos dão a boa resposta ao reconhecer a cantiga familiar?

Muitas controvérsias têm havido sôbre a música em conjunção com o movimento, ser usada como acompanhamento do movimento natural da criança, ou, antes, como estímulo ao desejo de certas formas do movimento.

Achamos que há lugar para ambos, enquanto estivermos atentos ao valor e às limitações de cada um. Há ocasiões em que a experiência musical precede o movimento.

A importância do movimento na vida da escola foi dada por Mr. A. L. Stone (Story of a School H.M.S.O. 1949) quando disse: "Procuramos dar à criança oportunidades para mover-se e expressar-se. Acreditamos que as qualidades desenvolvidas por êsses meios são de tremenda importância para tôdas as atividades, desde que a expressão pela arte dar, não somente melhor entrada aos assuntos acadêmicos, mas uma base de confiança para resolver as dificuldades das relações sociais".

VIII- Música

1. O escôpo da música

A música como tôdas as outras artes, traz especial contribuição a escola primária. Mas seu ensino é, muitas vêzes, isolado, estereotipado em base lógica e não psicológica. Fizemos grandes progressos no ensino da pintura onde não se admite mais que o ensino das técnicas precedam à expressão pela pintura. Mas na música tem sido mais difícil - a tradição custa a morrer.

Mas, qual será o objetivo do ensino da música na escola primária? Sua função seria treinar a criança, do maior número possível de meios, para ouvir rápida, atenta e criticamente a música.

Vivemos numa era em que o barulho é condição aceita de nossas vidas em que se quer aliviar a fadiga de certas profissões pela audição da música.

Em primeiro lugar, devíamos dar mais atenção a nossa voz e como a usamos ao falar e cantar pois que a criança é muito sugestional e imitativa.

O amor da criança pelo movimento devia pesar sempre em qualquer planejamento de música, pois que nele deve haver amplas oportunidades à expressão pelo movimento, tanto quanto ao prazer trazido pela música. Ligar a música as outras atividades e aos assuntos do programa: cantigas, danças, acompanhamentos etc. Também nesse ensino as técnicas e o trabalho de criação, invenção, devem estar equilibradas. As crianças compreendem melhor e mais rapidamente quando têm responsabilidade no planejamento de suas aprendizagens. Aqui também é larga a faixa de diferenças individuais em conhecimentos, interesse e aptidões. Deve haver tempo para prática de certo modo seu ensino está muito próximo dos métodos de ensino de leitura que parte da fase que aqui seria musical.

2. Escrita de música

As primeiras melodias para criança deviam ser bem espontâneas: expressar seus sentimentos pelo som ao natural e quanto mais trabalho livre tiverem, mais fluente serão suas melodias.

Mas deve ser a tarefa mais árdua a de encorajar a composição de melodias originais, pois não pode dar instrução direta.

Aí também a atmosfera sem tensão e feliz permite o trabalho florescer.

Resumindo:

- 1) composição de letras e melodia pelas crianças em conjunto;
- 2) composição de letra e melodia por crianças isoladamente;
- 3) composição de cânticos de Natal, depois de ouvidos vários outros;
- 4) trabalho individual fora das horas determinadas ao ensino.

3. Interesse de grupo

Como todo trabalho na escola primária deve ser feito em equipes, as bandas e orquestras são de grande valor.

Também o histórico ou conhecimento dos vários instrumentos usados podem interessá-la como, por exemplo, o violino.

- E assim:
- a) audição de trechos de música de vários autores e estilos.
 - b) estudo de instrumentos de orquestras, como violino por exemplo.
 - c) confecção de instrumentos musicais e usando-os em suas execuções; coleção de gravuras a respeito de instrumentos de música.
 - d) audições de concertos e recitais.

A música, pois, não pode se isolar das outras atividades do currículo, tal como não pode a pintura a leitura ou a escrita. Como também não há barreiras entre movimento, música, poesia e drama.

Assim, a função de música na escola é promover o contínuo desenvolvimento como meio de expressão e fonte de alegria; deve dar a todas as crianças a prática de cantar; a muitas, a prática com instrumentos e aos bem dotados apropriadas facilidades de estudo.

IX - Organização do trabalho baseado nos interesses da criança

Nos capítulos anteriores foi bem focado a importância e o valor do trabalho de criação e suas espécies e atividades em que as crianças se interessam ou podem ser levadas a se interessarem, dêem-se-lhes material espaço, equipamento e tempo necessários. Mas falta resolver ainda o problema de organizar o trabalho para permitir a criança esse trabalho criador sem perda de energias.

1. Interesse dentro da escola

As crianças, as vezes, gostam de trabalhar em conjunto presas por um interesse comum, sem olhar as idades; mas na escola não há muitas oportunidades para esse agrupamentos. Algumas escolas têm tentado diferentes meios de conseguir; na maioria determinando uma tarde ou semana para esse trabalho livre do interesse da criança.

Eis algumas sugestões, lembradas pelas próprias crianças: dramatização, modelar com barro, trabalho em madeira, pintura, dança, estudo da natureza, costura, música.

Perguntando como procurariam as impressões necessárias, lembraram: perguntar a alguém que saiba, procurar nos livros, observar quem saiba fazer bem.

2: Interesses dentro da classe

As crianças quando trabalham levadas pelo seu próprio interesse, adquirem bons hábitos de estudo: concentram-se sobre assuntos; melhoram na escrita e leitura; aprendem a resumir bem; aprendem a organizar e planejar seu trabalho e registrar seus resultados e, sobretudo o valor da convivência social, do "dar e tomar", da apreciação e críticas construtivas.

Eis algumas atividades escolhidas pelas crianças de uma classe: o movimento escoteiro - carros - natureza - enfermagem - cenários - aeroplanos - navios - trens - como se tornar professora - astronomia.

O trabalho foi planejado e isso foi condição do mestre que houvesse consulta nos livros. Coletaram uma série de livros emprestados de bibliotecas públicas, trazidos de casa e da biblioteca da escola, aos quais de acrescentaram catálogos, revistas e folhetos.

Nos dois primeiros anos de escola, os interesses das crianças são práticos, daí ser mais fácil interessá-los em seus progressos em ler, escrever e contar, tanto mais, quanto mais relacionados estiverem com suas atividades.

Numa outra classe, 25 crianças de ambos os sexos, entre 7 e 8 anos, a professora notou que o brinquedo das crianças de sua classe girava muito ao redor de hospitais. As crianças brincavam de enfermeiras e médicos e conversavam sobre doenças imaginárias das bonecas.

Então, o mestre, durante a classe de discussão, perguntou aos alunos se queriam ter um hospital para os bonecos, na escola. Aceitaram a idéia e depois da primeira discussão ficou assentado que o hospital teria:

- 1 - enfermaria geral;
- 2 - uma saleta de recepção onde a secretaria se informava sobre doenças;
- 3 - uma cozinha para fazer a dieta;
- 4 - histórias seriam escritas para os doentes lerem;
- 5 - o mestre faria o plano para que cada criança soubesse, dia a dia, qual era o seu trabalho;
- 6 - sugestões sobre uniformes e equipamento foram apresentados.

Durante o desenvolvimento do plano as crianças escreverem sobre vários assuntos; aprenderam sobre tempo e dinheiro; consultavam catálogos para preços e faziam os cálculos; gráficos de temperatura; costuraram roupas para cama, enfim, empenharam-se em uma série de trabalho usando os mais variados materiais.

Outros grupos exploraram outros tantos assuntos.

Talvez o mais importante desenvolvimento ganho durante esse ano foi a crescente capacidade das crianças de falar livremente entre si e com adultos, ouvir sugestões, ficarem menos inibidos. O trabalho formal das classes não sofreu porque os exercícios de ortografia, aritmética e outros eram baseados no interesse em que se empenhavam numa das partes do dia.

X - Porque trabalho criador?

Muito já se escreveu sobre o mérito do trabalho criador. Nesse livro procuramos mostrar algumas de suas aplicações. Agora, queremos justificar porque o achamos necessário ao desenvolvimento completo da maturidade e que na escola primária é o momento exato para sua realização.

O trabalho criador não implica, necessariamente qualquer forma externa de expressão. Muitas pessoas não criadoras de forma tangível, mas o são e bem pelo poder que têm de liberar em outrem essa capacidade de criar. Esse desejo inato se torna claro, de alguma forma a intensidade e variedade das experiências que recebe é uma compensação natural de equilíbrio. E daí se conclue que o ambiente da classe, o modo por que o mestre provê material e oportunidades para as crianças dão a medida do trabalho criador que produzirem. Quanto mais se alegrarem com a música, a pintura, a poesia, tanto mais terão idéias que gostarão de exprimir. Quanto mais atenção fôr dada à coleção e ao arranjo de notícias, figuras, espécimens naturais e objetos para identificação tanto mais oportunidade estarão sendo dadas à criança para encontrar seu interesse e segui-lo.

Quantos exemplos como o daquele menino tímido, acanhado, incapaz de expressar-se e que fazia trabalho tão ruim, mas que interessado por flôres silvestres, organizou com as mesmas um herbário que mereceu a admiração de todos e a pôs mais corajosa e independente.

Muitos de nós precisamos de estímulos, de compreensão, de segurança.

O maior dom que uma professora pode fazer a seus alunos é o de sua personalidade, de sua capacidade de fazer seus alunos sentirem, que são respeitados como indivíduos e que são capazes de trabalho criador. E é nesse trabalho de sua classe que ela dá sua medida que para muitas crianças é como que uma válvula de segurança.

O impulso para criar é universal e todo ser humano tem essa necessidade que pode ser expressa por um certo penteado, um prato gostoso, uma pintura, uma poesia.

Assim, o primeiro objetivo do mestre é seguramente dar à criança satisfação emocional e absorção no que se empenha. A idade cronológica não tem significação porque uma criança de favela, de meio social pobre, sem brinquedos nem livros de figuras pode estar muito mais atrasada que outros mais novos mas que tenham outro meio.

O que é importante é fazer a criança progredir pelos seus esforços; mas para isso é necessário conhecê-la bem, saber do que ela é capaz. Os resultados somente são importante quando podem ser comparados com esforço nêles desprendidos.

M. I. Willey "The Subtle Knot" disse: "Há pessoas que cuidam dos processos, outros apenas dos resultados: a sabedoria dos séculos diz que aqueles que cuidam dos processos sejam somados resultados; e daqueles que cuidam somente dos resultados sejam tirados, mesmo, aquilo que já têm".